

# PONTO-E-VÍRGULA 13

## EDITORIAL

Esse número de Ponto-e-Vírgula começa por um dossiê que reporta os debates promovidos por um grupo de pesquisadores – liderado por Jean Claude Laborie (Paris 10 – Nanterre) – que apresentou resultados de pesquisa sobre transferência cultural no último congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada (AILC), realizado em Paris, em 2013.

Por que publicá-lo em uma revista brasileira de Ciências Sociais? São múltiplas as razões: de um lado, porque vários brasileiros compõem o grupo, que lida com as relações França-Brasil; de outro, no que diz respeito às ciências, porque o problema da transferência cultural é recorrente em antropologia e sociologia e pedra angular do pensamento brasileiro. “A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências”. Essa bem conhecida *abertura de Raízes do Brasil* indica inflexão na maneira de pensar o Brasil no século XX. Sobretudo, porque começa por dissolver as antinomias do eu e do outro ao indagar como o outro se altera na transferência e forja um eu que range os dentes por estar mal situado. Eco do “mal de Nabuco”, sem dúvida.

Estudos literários e literatura comparada são *saberes da cultura*; mais antigos que antropologia e da sociologia. Quando Mme. de Staël estabeleceu a divisão entre as literaturas setentrionais e meridionais, abriu o caminho para o comparatismo. Mas isso, muito antes das ciências sociais dividirem-se entre comparatistas, de fundamento nomotético, e historicistas, ditas idiográficas. O problema de Mme. de Staël não era

propriamente de ciência, mas de como lidar com a originalidade germânica, já bastante aguerrida desde Herder, que tocou a trombeta do relativismo. Quando Herder reconheceu a especificidade e a grandeza dos egípcios, contrapondo-os aos gregos, estava apenas preparando alegoricamente a resposta contra o universalismo francês, que gerou depois a orgulhosa afirmação de que Paris seria a única e legítima herdeira de Atenas e Roma.

No debate sobre *as três culturas* destaca-se, no início do século XX, a reação dos literatos contra o advento das ciências sociais, sobretudo na Alemanha e na França. O que estava em jogo então era a disputa pela voz mais legítima, capaz de oferecer ao mundo a sua inteligibilidade; mas também a afirmação de que não era cabível o escrutínio científico da literatura. Curioso nessa história é que as letras só saíram de sua posição defensiva quando também abraçaram o *rigor da ciência*, com o *new criticism* e todas as derivações posteriores da virada linguística. Imperou então a leitura interna, resultado de diferenciação fortificada, contra ataques reducionistas. Resultou disso também que os estudos literários perderam em parte o caráter de *saberes da cultura*.

Ecos dessa contenda são ouvidos até hoje. Mas o tempo é de aproximações, mais fáceis agora com o adensamento na antropologia da corrente interpretativa, que abraçou hermenêutica e fenomenologia; e quando a sociologia incorporou grande dose de reflexividade e buscou, com seus próprios métodos, dissolver a antinomia entre as abordagens externas e internas. É curioso observar que uma forte corrente dos estudos literários comparatistas tem abraçado as teses de Michel Espagne e Michael Werner, que forjaram o conceito de *transfert culturel*, tendo como ponto de partida as relações cruzadas entre França e Alemanha; o que teve como ponto de partida o exame de arquivos e bibliotecas que, na França, possuíam documentação alemã e, na Alemanha, o inverso. Esses estudos

destacaram o papel dos agrupamentos de letrados e artistas que viviam como estrangeiros de um ou de outro lado do Reno. Nesse sentido, o comparatismo aproximou-se das abordagens da história cultural, da antropologia histórica e da sociologia da cultura. As teses sobre transferência cultural estabelecidas nas últimas décadas colocaram em questão a noção de influência e a tendência, predominante até então, de identificar fluxos de mão única entre espaços nacionalmente definidos. No lugar da influência apareceram mediações e mediadores, cujas operações remetem a contextos múltiplos e a trocas que se realizam em fluxos com direções variadas; supondo sempre o movimento de torna-viagem por meio do qual os agentes não são vistos apenas como doadores de sentido (muitas vezes tratados como missionários), na exportação de bens simbólicos do centro para a periferia. No entanto, essa metodologia não desfaz, em um passe de mágica, centro e periferia, pois reconhece o caráter assimétrico das relações em jogo e o efeito que deriva da concentração do poder simbólico em determinadas áreas culturais de grande complexidade.

Mas essas áreas não devem ser confundidas com entidades estatais nacionais, mesmo que tenham em cidades seus pontos de inflexão e que determinadas línguas ocupem o papel de língua-geral. Mais apropriado é postular a ideia de eixos que concentram poder, mas desde que sejam entendidos como unidades dinâmico-antinômicas. Os eixos podem ser vistos aos pares (Paris-Berlim; Roma-Paris; Roma-Lisboa; Londres-Nova York) ou em configurações maiores. Mas não podem ser postulados de antemão, porque devem constituir-se no próprio processo de investigação, a depender da natureza do objeto construído, do problema e do ponto de vista do observador.

Úteis no exame das relações entre Brasil e França, essas metodologias abrem espaço para novas abordagens que desenham fluxos de

maior complexidade em vários níveis. A depender do caso e do período, não é possível olhar apenas para a rota Paris > Rio de Janeiro ou São Paulo (mesmo que esses sejam os principais caminhos), mas supor Lisboa, supor Roma, supor Nova York; ou seja, trata-se de atentar para a complexidade da rede e a amplitude dos jogos que nela se jogam. De outro lado, trata-se também de atentar para a ideia de que a assimetria não deve ser postulada em bloco, ou substancializada. À assimetria entre os lugares superpõe-se a assimetria interna dos campos, de um lado ou de outro, que definem a natureza da mediação; e é nesse prisma que chama a atenção o papel dos *outsiders*, dos aventureiros, quando o movimento se orienta para fronteiras longínquas. Como mostra Laborie no artigo sobre Ferdinand Denis, pouca gente atentou para o fato de que o jovem francês era um *outsider*, de formação precária e poucos trunfos no lugar de origem; e pode-se dizer o mesmo de Lévi-Strauss, um autodidata em antropologia, sem relação consistente com ambiente etnológico francês em qualquer uma de suas vertentes, antes de sua vinda ao Brasil. O que obriga a abrir os olhos para o que se leva de volta da periferia ao centro e atentar para o papel do produto da viagem na movimentação interna do mediador no universo de origem.

De fato, a metodologia do *transfert culturel* tende a dissolver a lógica do comparatismo, pois está subordinada de forma generalizada ao método histórico, exatamente porque opera no trânsito entre as fronteiras e deixa de vê-las como aqueles limites confortáveis para o exercício de análises comparativas; e dissolve também a tentação do difusionismo, pois tem como pressuposto a ideia de que aquele que leva é também alguém que traz. Com isso, deixa para trás a ambição nomotética, sem necessariamente abandonar o racionalismo. Obrigando-se a operar no âmbito das práticas, com atenção redobrada na trajetória dos agentes e na deriva das significações culturais, nem por isso precisa abdicar da noção de estrutura,

nem buscá-las no recôndito do inconsciente, da linguagem ou do mito. O mediador, figura chave na transferência cultural, só pode ser observado na dimensão individualizada e singular, de pessoas ou grupos que viajam e interagem com aqueles que estão de um lado ou de outro do trânsito; no entanto, nem todo trânsito é mediação. Por se tratar de uma ferramenta analítica é necessário supor que ela é, antes de tudo, uma hipótese, que pode se confirmar na medida em que a transferência se revele como elemento pertinente em processos de reconfiguração de um ou de ambos os lados do eixo em que a transferência ocorre. Cabe, portanto, atentar para a natureza desses processos e para os balizamentos estruturais que os constroem.

\*\*\*

Nem tudo que se postula nessa apresentação está no dossiê que abre Ponto-e-Vírgula 13, mas como se trata da publicação de estudos preliminares de um projeto em fase de constituição, em que diversas pautas serão conduzidas por pesquisadores experimentados, fica aqui mais uma provocação para o debate sobre as noções-chave que estão em jogo. E, sobretudo, a demonstração do interesse da sociologia e da antropologia pelos temas e problemas tratados pelos comparatistas que aceitaram o desafio de renovar as suas perspectivas.

Além do dossiê, publicamos também o artigo de Michel Espagne “Os limites do comparatismo em história cultural” (Genèses, 1994). Síntese de diversos estudos individuais e coletivos, no domínio franco-alemão, o artigo esclarece a noção de transferência cultural, em chave histórica e metodológica, e coloca em questão a longa tradição do comparatismo, que teve papel de relevo na delimitação de fronteiras e na fortificação das culturas nacionais. Chama a atenção no artigo o apelo por microanálises

## Editorial

que embaralham os espaços nacionais delimitados e trazem à tona a teia de inter-relações produzidas por alemães na França e franceses na Alemanha.

O dossiê é apresentado por Jean-Claude Laborie – professor e pesquisador do Departamento de Letras Modernas e do Centro de Pesquisas em Literatura e Poéticas Comparadas – Paris X – Nanterre –, é dele também o artigo inovador sobre Ferdinand Denis, figura chave nos balizamentos da cultura do século XIX no Brasil; seguem-se os artigos de Michel Riaudel – professor e pesquisador do Departamento de Português da Faculdade de Letras e Línguas da Universidade de Poitiers –; o artigo de Sandra Nitrini – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – FFLCH – USP –, que põe em perspectiva a noção de transferência cultural articulando-a com a antropofagia e a transculturação; o artigo de Roberto Zular – Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada – FFLCH – USP –, sobre a recepção de Valery no Brasil; e o artigo de Verónica Galíndez-Jorge – Departamento de Letras Modernas – FFLCH – USP – que traz à tona um Flaubert pouco observado na literatura de Machado de Assis.

Guilherme Simões Gomes Júnior

Editor Científico